

CONVOCADO PARA A CPI DA DÍVIDA EXTERNA, EM 84, DELFIM NETTO ESCONDEU-SE NO POLEIRO E NÃO FOI. DIANTE DELE E DOS OUTROS MAFIOSOS DA DÍVIDA, O PC FARIAS É UMA MENINA DE PRIMEIRA COMUNHÃO

ASSIM SE PASSARAM 30 ANOS

PARIS — Todos falam da sua CPI. Também vou falar da minha. Depois de 30 anos, o Brasil enterra e encerra o pesadelo da Dívida Externa.

O pesadelo, não a Dívida. O pesadelo era a Dívida incontrolada, indomada, inegociada, ao sopro dos juros flutuantes mais altos que a história dos negócios internacionais já viu, em qualquer tempo. Em 30 anos, muitos governos passaram: Castelo, Costa e Silva, Medici, Geisel, Figueiredo, Sarney e Collor. Só Collor conseguiu o ponto básico, a condição absolutamente indispensável para a Dívida parar de ser um pesadelo:

1. — *Diminuir a Dívida.* (Caiu em 35%).
2. — *Juros Fixos.* (Entre 4% e 6%. O Brasil já pagou até 23%).
3. — *Prazos longos.* (Até 30 anos).

Collor prometeu enquadrar a Dívida. Está enquadrada. A partir de agora, ela estará sempre diminuindo e sem a escabrosa agiotagem dos juros livres, soltos, flutuantes. O Brasil deixou de ser prisioneiro da Dívida.

Collor foi o Governo que menos pagou, por ano, juros da Dívida e, mesmo assim, foi o que mais a diminuiu. As duras negociações, iniciadas pela brava Zélia e pelo firme Jorio Dauster, chegam afinal ao ponto do acordo pelas mãos mineiras e maneiras de *Marcelo* e *Pedro Mallan*.

Já tinha sido o FMI. Depois, o Clube de Paris, os bancos oficiais. Agora, os bancos privados. Esperemos que nunca mais Governo nenhum repita a irresponsabilidade, a criminalidade da ditadura militar (através de seus suspeitíssimos ministros da Economia) que pegou o Brasil em 1964 com 3,5 bilhões de dólares de Dívida e o deixou, 20 anos depois, em 1985, com 100 bilhões.

Diante de Delfim e dos outros mafiosos da Dívida, o PC Farias é uma menina de primeira comunhão.

A BIOGRAFIA

Tenho o orgulho profissional e político de ter sido o primeiro biógrafo oficial da Dívida brasileira. "Oficial" porque, até a CPI da Câmara Federal, o Governo (particularmente o Banco Central, depositário dos números) nunca havia liberado todos os dados. No dia 16 de agosto de 1983, instalou-se a "CPI da Dívida Externa":

Presidente, *Alencar Furtado*.

Relator: *Sebastião Nery*.

Membros: PDS — *Jorge Arbage*, *Otávio Cesário*, *Ademir Ghisi*, *Pedro Colin*, *José Camargo*. PMDB — *Aldo Arantes*, *Anibal Teixeira*, *Fernando Santana*, *Helio Duque*. PDT — *Jacques Dornellas*. PT — *Eduardo Suplicy*.

A CPI da Dívida funcionou de 16 de agosto de 83 a 10 de setembro de 1984. Apesar de todas as pressões do Governo militar de Figueiredo, ouvimos os ministros *Saraiva Guerreiro*, do Exterior e *Cesar Cals*, de Minas e Energia, e o presidente do Banco Central, *Afonso Pastore*. Ex-ministros, como *Olavo Setúbal*, do Exterior; *Mario Simonsen*, da Economia; ex-presidentes do Banco Central, como *Carlos Langoni* e *Paulo Lyra*. Foram 61 reuniões e 36 depoimentos. Gerais (*Silvio Frota*, *Andrade Serpa*, *Etchegoyen*), economistas (*Maria da Conceição*, *Celso Furtado*), jornalista (*Helio Fernandes*).

Apenas duas pessoas se negaram a ir à CPI: *Delfim Netto*, ministro do Planejamento, e *Ernane Galveas*, da Fazenda. Convocados, agarraram-se às fraldas da ditadura e não compareceram. Hoje, vejo Delfim cantando de câpão na Câmara. Engalinhou-se de

medo, escondeu-se no poleiro e não foi.

O PROCESSO

Foi uma das poucas CPIs cujo relatório não só foi aprovado pela Comissão (com voto divergente do PDS) como pelo plenário da Câmara. Terminava assim:

"RESOLVE: — recomendar o encaminhamento ao Exmo. Sr. Procurador-Geral da República da presente representação, com os inclusos documentos, para a adoção das medidas processuais e judiciais cabíveis, com o enquadramento dos responsáveis põe sua prática, nos crimes acima configurados".

A Procuradoria Geral da República engavetou. Não tínhamos um *Aristides Junqueira* lá.

Toda essa história (a íntegra do relatório, a história da Dívida desde 1823, quando foi negociado em Londres o primeiro empréstimo (3,6 milhões de libras esterlinas) está em meu livro *Crime e Castigo da Dívida Externa*, que só foi possível graças ao talento e competência de *Cristóvam Buarque*, chefe da equipe da UnB que assessorou a CPI.

O acordo de agora é também fruto da *CPI da Dívida*.

UM LIVRO

Meu livro é de 1985. (Edição da Dom Quixote, de Brasília). Hoje quero relembrar outro livro, fundamental para se entender todo o processo e consequências da Dívida não apenas no Brasil como na América Latina: — *A Ditadura da Dívida*, de *Bernardo Kucinski* e *Aue Branford*, publicado em 1987 (Edição da Brasiliense).

O Kucinski é um dos mais experientes e batalhadores jornalistas brasileiros. Paulista (nasceu em 1937), passou por quase todos os jornais e revistas de São Paulo, trabalhou na BBC de Londres (onde o conheci, em 1973), é professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e correspondente no Brasil do *The Guardian* e *Euromoney*. Tem livros: — *Fome de Lucros* (sobre as multinacionais de alimentos e remédios na América Latina), *O Que São as Multinacionais*, *Pau de Arara*, *a Violência Militar no Brasil*. E ainda há pouco lançou *Jornalistas e Revolucionários*. (Nos tempos da Imprensa Alternativa), a mais completa e honrada pesquisa sobre a imprensa de resistência à ditadura.

Reli, esta semana, o livro do Kucinski sobre a Dívida. Só quem conhece os números todos e sobretudo as diabólicas consequências que a Dívida teve contra nossos países pode calcular a importância do acordo da Dívida agora conseguido pelo Governo Collor. O Brasil tirou um raio permanente sobre a cabeça.

A ESPOLIAÇÃO

A história da Dívida é a história de um brutal colonialismo financeiro. Os próprios americanos reconhecem:

ARTHUR SCHLESINGER (em *A Thousand Days*): — "Pregar a ortodoxia fiscal a países em desenvolvimento, para um país como os Estados Unidos que financiou boa parte de seu próprio desenvolvimento com inflação e títulos vendidos a investidores estrangeiros e posteriormente repudiados, é agir como uma prostituta que, tendo se aposentado, depois de muitos anos de trabalho, passa a exigir o fechamento de todos os bordéis em nome da preservação da moral pública".

O bordel da Dívida não foi fechado. Mas a partir de agora o Brasil só voltará a morar lá dentro se os próximos Governos forem tão criminosos quanto os que galoparam a Dívida de 3 a 100, em 20 anos.

